



## Nietzsche, um “francês” entre franceses

MARTON, Scarlett (Org.). **Nietzsche, um “francês” entre franceses**. São Paulo: Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & veredas. Série recepção).

**Diana Chao Decock**

Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professora de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: di\_decock@hotmail.com

---

Divulgar diferentes linhas de interpretação e viabilizar significativas leituras dos escritos de Nietzsche, eis os objetivos traçados pela série “Recepção” da coleção “Sendas & veredas”. Em sintonia com *Nietzsche na Alemanha*, *Nietzsche abaixo do Equador* e *Nietzsche pensador mediterrâneo*, Scarlett Marton lança *Nietzsche, um “francês” entre franceses* – objeto da presente resenha –, trazendo a lume artigos de consagrados pesquisadores franceses, como Eric Blondel, Patrick Wotling, Blaise Benoit, Céline Denat e Yannis Constantinidès, nomes que até então eram pouco divulgados no cenário acadêmico nacional. Além de convidar o público brasileiro a conhecer o notável trabalho desses especialistas franceses, Marton apresenta de maneira rica e precisa, em seu ensaio intitulado “Voltas e reviravoltas”, o difícil percurso da legitimação filosófica de Nietzsche, esclarecendo as variadas apropriações políticas e literárias que antecederam o seu reconhecimento acadêmico em território francês.

*Nietzsche, um “francês” entre franceses* elucidada, já em seu título, o porquê da boa recepção do filósofo alemão na França. Contra a ideia de que essa

recepção tenha sido positiva graças a um nietzscheanismo preexistente no início do século XX, a autora defende que o filósofo é acolhido não tanto pelo ambiente intelectual da época, mas porque “ele mesmo – sendo alemão – se fizera francês” (p. 20). Sutil ou precisamente, Nietzsche reivindica, ao longo de sua obra filosófica, sua proximidade com os franceses e afirma sentir-se mais em casa com eles do que com os alemães, evidenciando que é sobretudo na França que anseia difundir seu pensamento, pois em seu imaginário tal país possuía uma superioridade cultural na Europa.

No entanto, se os franceses abriram suas portas ao filósofo alemão, isso não significa que a recepção por eles tenha sido da mesma forma. Marton destaca que o interesse pelo pensamento de Nietzsche é marcado por uma grande variedade de públicos, dos quais proliferaram imagens contraditórias e simultâneas. Inicialmente, o filósofo alemão é recepcionado pelo círculo wagnerianista, que o rejeita e o denigre por sua demência após a ruptura com Wagner, em 1878. Nietzsche é retomado por movimentos literários da vanguarda e por jovens anarquistas, deixando de ser “um mero coadjuvante do culto a Wagner para tornar-se um objeto de interesse por si mesmo” (p. 22).

A autora aponta que as obras de Nietzsche abrangeram um domínio maior com a tradução de Henri Albert, em 1894, principalmente no campo literário. No entanto, graças ao clima social e político da Primeira Grande Guerra, a imagem do filósofo alemão passa a ser associada ao nacionalismo e ao militarismo prussiano, desestimulando sua leitura pelos franceses. Contra a acusação de ser um perigoso inimigo intelectual, Charles Andler, na década de 1920, desenvolve um trabalho do conjunto das obras de Nietzsche a fim de desnacionalizar o pensamento nietzscheano e reintroduzi-lo na tradição cultural. Até ser um grande fenômeno digno de ser investigado, como almejava Geneviève Bianquis, Nietzsche passou por inúmeras apropriações políticas, servindo até mesmo como base das diretrizes do nazismo ou então como pensador de direita contra o marxismo. As equivocadas e tendenciosas interpretações políticas só foram deixadas de lado com a apresentação das contradições e dos simbolismos, próprios da filosofia de Nietzsche, divulgados por consagrados intelectuais franceses como Bataille, Lefebvre e Bachelard.

Após o confronto de diferentes interpretações e apropriações de Nietzsche, Marton destaca os trabalhos decisivos para a inserção do pensador alemão no cenário acadêmico, como o estudo “Temas e estruturas na obra de Nietzsche”, de Angèle Kremer-Marietti, e a publicação das obras completas pela Gallimard, sob a responsabilidade de Deleuze e Gandillac, em

1967. Nos anos seguintes, aumenta o interesse de professores universitários, como Sarah Kofman e Jean Granier, surgem mais publicações de trabalhos acadêmicos e finalmente, em 1969, as obras de Nietzsche ocupam o centro dos debates da Sociedade Francesa de Filosofia. O filósofo se torna também fonte de inspiração para Derrida, Foucault e Deleuze, que, avessos à ideologia acadêmica, lançam mão – sob a óptica do pensamento nietzscheano – da ideia de interpretação, substituindo a busca fiel do verdadeiro sentido filosófico da obra pela livre busca de significados dentro dela aprisionada.

Após uma rigorosa e significativa pesquisa na qual Marton apresenta o conflito da interpretação da filosofia nietzscheana até a sua legitimação em território francês, a obra traz o ensaio “Nietzsche: a vida e a metáfora”, de Eric Blondel. Nesse artigo, o professor emérito da Universidade de Paris-I tece uma reflexão sobre o “estilo” de escrita em Nietzsche cuja escolha metafórica e poética é decisiva para a oposição ao discurso conceitual da filosofia tradicional. Para Blondel, o porquê do discurso metafórico em Nietzsche se compreende pela metáfora da *vita femina*, que alude à própria metáfora como cisão, jogo e ambiguidade do Ser. Ao afirmar que a “vida é uma mulher”, o filósofo alemão concebe o Ser como ilusão, segredo e disfarce, que, para além de sua sedução, não possui nenhuma essência em si. Nesse imprescindível trabalho para a interpretação da metáfora em Nietzsche, Blondel mostra que, contra a cristalização da identidade do Ser, a *vita femina* revela o vir-a-ser e oferece um espetáculo de erro e de ilusão. Justamente pelo fato de a vida necessitar de ilusão, Blondel esclarece o projeto nietzscheano de um “filósofo-artista” que faz uso do discurso metafórico por ser a mais perfeita transposição artística da ilusão.

Outro relevante ensaio dessa obra é “As paixões repensadas: axiologia e afetividade no pensamento de Nietzsche”, de Patrick Wotling, professor titular na Universidade de Reims e diretor do Groupe International de Recherches sur Nietzsche (GIRN). Em seu ensaio, Wotling faz uma análise das paixões no *corpus* nietzscheano, distanciando-se da interpretação que toma a valorização das paixões como uma inversão do platonismo. Sua proposta é olhar para além do caráter crítico e refutador do pensamento de Nietzsche e perceber que o filósofo alemão pode estar mais próximo de Sócrates do que de Cálice. Essa constatação decorre de uma série de passagens, selecionadas pelo professor, que evidenciam a condenação da potência passional. Numa análise em que a paixão estaria para além da problemática da verdade, Wotling se preocupa em apontar o distanciamento de Nietzsche em relação à noção de paixão empregada pelos tradicionais

teóricos do conhecimento, aquela em que todas as instâncias afetivas são opostas à racionalidade. O pensador alemão inaugura um novo olhar sobre a paixão identificando-a como afetividade, uma atividade interpretativa espontânea que julga e dá forma ao mundo. Toda a capacidade interpretativa e valorativa decorre da afetividade; é ela que traduz a dimensão relacional da vontade de potência, sendo a própria língua da vontade de potência. Para interpretar as paixões não se pode, todavia, deixar-se levar por elas. Daí a justificativa, evidenciada por Blondel, de que para Nietzsche é fundamental controlar as paixões, tal como um cavaleiro que doma uma revolta montaria e “põe a seu serviço esses monstros esplêndidos” (p. 111).

Dentre os estudos decisivos para a desmistificação dos conceitos nietzscheanos, destaca-se o trabalho de Blaise Benoit presente também nessa coletânea. Em “Meio-dia: instante da mais curta sombra”, Benoit se encarrega de apresentar a multiplicidade de aparições e a abrangência do termo *krieg*, guerra, nos escritos de Nietzsche, evidenciando seu caráter polissêmico, que se manifesta do macro até o microcosmo. O professor da Universidade de Nantes faz uma análise exegética dos diferentes usos desse termo que, segundo ele, pode se apresentar tanto como conflituosidade cósmica (incessante jogo de forças) quanto como conflito entre os estados (tensão e manifestação de forças) e entre o próprio indivíduo (competição e superação). Voltando o olhar para o macrocosmo, Benoit faz uma rica interpretação sobre o belicismo de Nietzsche, apontando-o como *panbelicismo*, uma vez que a guerra é apenas uma manifestação da vontade de potência e o mundo é vontade de potência e nada além disso. Em virtude dessa leitura, o professor proclama que, antes de ser um belicista, Nietzsche é o “pensador de todas as facetas da guerra, como conflituosidade cósmica” (p. 131).

Para refletir sobre os métodos da filosofia de Nietzsche e a proposta de um filósofo legislador, indispensáveis são os ensaios que encerram essa rica coletânea. “Nietzsche, pensador da história? Do problema do “sentido histórico” à exigência genealógica” é um belíssimo trabalho que demonstra como o filósofo alemão atribui um inovador sentido ao termo “história” e como, por meio disso, um novo método de filosofia é definido. Céline Denat, professora da Universidade de Reims Champagne-Ardenne, evidencia a proposta de Nietzsche contra a história como disciplina teórica, em vez de uma atividade de erudição, vendo a necessidade da história “para viver e agir”. O filósofo deve considerar a história como um lugar de apreensão de experiências anteriores, dominar e escolher aquilo que é preciso ser assimilado, tornar-se “extemporâneo” e pensar a partir de perspectivas históricas para

questionar e superar os valores de seu tempo. Denat ressalta também que, ao apresentar sua filosofia como genealogia, Nietzsche exige o uso da história e da história natural, que tomadas separadamente são insuficientes. A *genealogia* seria o termo adotado por Nietzsche para a proposta de uma filosofia que toma por instrumento a história e as múltiplas procedências dos valores do presente ou passado, numa perspectiva axiológica e seletiva, em vez de simplesmente destrutiva e crítica.

Por fim, temos “O niilismo extático como instrumento da grande política”, do professor na Universidade de Paris-XI, Yannis Constantinidès. Esse rigoroso ensaio apresenta o niilismo como uma etapa inevitável da vida, uma prova imprescindível à formação do indivíduo afirmador e um instrumento do filósofo legislador. O niilismo deve ser superado por ele mesmo, ser uma passagem que não deve tentar se furtrar e sim ser vivenciada até o fim, pois essa “grande provação purificadora tornará possível a inversão dos valores decadentes e o estabelecimento de uma nova hierarquia”. O que o autor quer mostrar em seu intrigante trabalho é que Nietzsche não é só um crítico da civilização; a grande política teria como meta um tipo supremo de humanidade que, após ser abatida pela morte de Deus, diria sim a um mundo cujo sentido e propósito são unicamente humanos.

Ao ler esses ensaios, o leitor se defrontará com decisivas contribuições para a coerência interpretativa dos escritos nietzscheanos. O trabalho exegético desses professores demonstra o rigor necessário para a árdua tarefa de compreender o pensamento de Nietzsche, que na maior parte das vezes não se apresenta de maneira explícita, sendo esse um dos motivos pelos quais o filósofo alemão foi objeto de apropriação por diferentes linhas de pensamento. Aqueles que tiverem o interesse de saber sobre a conflituosa trajetória do pensamento de Nietzsche em território francês e de se debruçar sobre uma rica coletânea de ensaios de pesquisadores franceses da atualidade não podem deixar de ler *Nietzsche, um “francês” entre franceses*, um excelente trabalho, dentre inúmeros outros, organizado por Scarlett Marton.

Recebido: 11/08/2010

*Received:* 08/11/2010

Aprovado: 15/08/2010

*Approved:* 08/15/2010